

**JORNADA  
DE  
TRABALHOS  
DA BFC**

CURITIBA  
2007

Esta publicação se refere à Jornada de Trabalhos da BFC, que ocorreu em junho de 2007.

## DESTINO DE TIRÉSIAS?

André Ehrlich

“Um congresso sobre a sexualidade feminina está longe de fazer pesar sobre nós a ameaça do destino de Tirésias” (Lacan 1958).

No começo de sua conferência sobre a ‘Feminilidade’ Freud nos diz: “a feminilidade é um enigma!”. Pode se perguntar: enigma para quem? Certamente para o próprio Freud, o que nos remete a uma possível outra identificação do pai da psicanálise com a figura de Édipo. Não o Édipo que desposou Jocasta, mas o decifrador de enigmas, o que teria necessidade de preservar a figura da esfinge para sustentar seu desejo de decifrar. Mas, retornando à questão, não há dúvida que o enigma está ligado ao fato de que o homem supõe na mulher um gozo que não é o seu, o qual não consegue definir.

Lacan, em seu seminário ‘Mais, ainda’ (1972), no processo de abordar o enigma freudiano, faz a seguinte colocação: “Nossas colegas, as damas analistas, sobre a sexualidade feminina, elas nos dizem, algo, mas... não tudo. Elas não fizeram avançar um dedo a questão da sexualidade feminina. Deve haver uma razão interna para isto, ligada à estrutura do aparelho de gozo” e na semana seguinte, mais dramaticamente: “O que nos dá alguma chance de avanço, isto é, que desse gozo, a mulher nada sabe, é que a tempos que lhes suplicamos, que lhe suplicamos de joelhos – eu falava da última vez das psicanalistas mulheres – que tentem nos dizer, pois bem, nem uma palavra! Nunca se pôde tirar nada!”

Pois bem, a situação hoje já não é a mesma. Somos nesta noite testemunhas disto. Não só aqui, na Biblioteca Freudiana de Curitiba,

mas por toda parte, mulheres se engajam nesta questão, mergulham neste enigma colocado pela estrutura do aparelho de gozo ao saber fálico de nossa parcela ‘macho’. Não tenho dúvida que, ao menos em parte, isto se deve às próprias contribuições de Lacan ao tema, seu meio dizer, única abordagem possível que temos do real. Mas não devemos negar a contribuição de nossa cultura, que em seu discurso, ao fazer a tentativa de negar a alteridade, convoca a psicanálise em seu compromisso ético.

Mas retornemos ao início, ao início da psicanálise, seu sonho inaugural: o sonho da injeção de Irma (assumirei que este sonho é conhecido de todos os presentes). Uma vez que a boca de Irma está bem aberta, o que se revela a Freud é o horror do insondável. Que esta boca venha a falar não implica que vá dizer tudo, nem que Freud vá saber tudo; persistirá um não cognoscível.

Revelador é a resposta que Freud dá a uma carta de Abraham de 1908. Abraham escreve: “Gostaria de saber se o primeiro sonho paradigmático em ‘A Interpretação dos Sonhos’ foi deliberadamente interpretado de forma incompleta. Acho que a trimetilamina leva à parte mais importante, às alusões sexuais que nas últimas linhas se tornam cada vez mais claras”. Freud responde: “O que está por trás, oculto, é o delírio de grandeza sexual: as três mulheres, Mathilda, Sophie e Anna, são as três madrinhas de minhas filhas e eu as possuo todas!”. Alusão ao pai da horda de Totem e Tabu, na época ainda a ser escrito, o único que podia gozar de toda mulher (ou da mulher toda!). Pai primitivo inserido no gozo infinito, aquele interdito pelo significante.

Só há um significante da sexualidade: o falo. Até este ponto Freud chegou. O acesso ao gozo sexual não é algo no qual o ingresso se dá por nosso ser, mas se dá pelo significante. Assim sendo, o significante falo assume uma dupla

função: por um lado proíbe o gozo, por outro lado o permite. A conseqüência é que ao nível do discurso inconsciente, não há relação formulável entre dois sexos opostos. Em outras palavras: o primado do falo implica na impossibilidade da relação de sexo a sexo, de um 'ser macho' a um 'ser fêmea', só autorizando a relação no registro do semblante.

Com isto já estamos mergulhados no ensino de Lacan até o pescoço. Lacan, em seu seminário 'Mais, ainda' formula o enigma freudiano da seguinte maneira: "A questão é, com efeito, saber no que consiste o gozo feminino na medida em que ele não está todo ocupado com o homem"... "Há então a maneira masculina de girar em torno do fato de não haver relação sexual e depois a outra, que não designo de outro modo porque é disto que este ano estou em processo de elaboração – como, da maneira feminina, isto se elabora. Isto se elabora pelo não-todo. Só que, como até agora isto não foi muito explorado, o não-todo, isto me causa, evidentemente, um pouco de mal". Lacan reconhece pisar em terreno até então desconhecido, apesar da questão ser ao menos tão antiga quanto a própria psicanálise.

O pulo do gato está na ousadia de abordar a questão pelo conceito de 'gozo'. Tempo de elaboração: 13 anos. Neste seminário Lacan alude ao seminário 'A Ética da Psicanálise' (onde abordou a questão pelo viés da noção de 'bem') dizendo que agora (1972), poderia dizer um pouco mais sobre este assunto, pois percebeu, desde então, que seu encaminhamento era da ordem de um "nada quero saber disso". Sobre o que ele nada queria saber? Sobre o gozo. De onde, segundo Serge André, surge uma questão: existe um saber possível sobre o gozo? Ao que Lacan responde: "O gozo só se interpela, só se evoca, só se sapsupra, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência. Mesmo o amor só se dirige ao semblante. Esse ser-aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o 'a'". E

pouco mais adiante: "O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização". É realmente da ordem de um impasse que se trata.

A realidade é abordada com os aparelhos do gozo e a linguagem se esclarece por se colocar como aparelho de gozo, mas neste seminário, se contrapondo ao pensamento utilitarista Lacan define o gozo como "aquilo que se opõe ao útil, aquilo que não serve para nada. Que não se deixa reduzir nem ao princípio do prazer, nem ao cuidado da auto-conservação". É um campo amplo que permite a Lacan colocar o gozo sexual como uma limitação de um suposto gozo geral. Permite formular a mulher como não-toda, de ter, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. Cito: "Vocês notarão que eu disse suplementar. Se tivesse dito complementar, aonde é que estaríamos! Recairíamos no todo".

Para o macho falante, toda a sua realização quanto à relação sexual tem a ver com o objeto 'a', termina em fantasia (\$\diamond a\$). Para o homem o objeto 'a' é o parceiro que supre a falta da relação sexual. Já a mulher, ela tem diversos modos de abordar esse Falo. Mas, nos adverte Lacan "não é porque ela é não toda na função fálica, que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo mais". Discutiremos as implicações desta advertência mais adiante.

A título de ilustração, façamos a tentativa de diferenciar a histeria da posição feminina na relação sexuada. Do lado macho temos, como única possibilidade, a fórmula da fantasia: \$\diamond a\$. Logo de início, portanto, fica ressaltada uma dissimetria, pois ao homem é preciso que ele deseje, enquanto à mulher, basta que se deixe desejar, que consinta. "Daí", citando Colette Soler, "a questão de saber o que é, para além desse consentimento, o desejo propriamente feminino". A histérica, ao identificar-se com o desejo do parceiro, coloca seu único interesse naquilo que

não é satisfeito no parceiro: vontade de deixar o gozo insatisfeito. É o que Freud nos mostra em sua análise do sonho da Bela Açougueira. Lacan, por outro lado, nos ensina que identificar-se com o desejo (caso da histérica) impede a identificação com o objeto de gozo. Com isto abordamos uma dialética que está além do “ter ou ser falo” na distinção dos sexos”. É neste contexto que se insere a dialética ‘ter ou ser um sintoma’. As duas afirmações de Lacan mais se opõem do que se equivalem, pois o falo é uma função negativa da falta, enquanto o sintoma é uma função positiva de gozo. O voto de ser um sintoma é bem diferente do que se interessar pelo sintoma do outro. Mas, citando novamente Colette Soler, “podemos compreender por que a histeria se presta a uma confusão com a posição feminina. A feminilidade implica a relação com o Outro, o homem, para se realizar como sintoma. O fato de ela acentuar o ‘fazer gozar’, não impede o ‘fazer desejar’ que é condição dele”.

Retomemos agora as advertências de Lacan. Para chegar a uma formulação possível do gozo feminino Lacan parte do testemunho dos místicos. Estes fazem testemunho de um gozo para-sexuado, gozo do ser. Gozo que suporta o “eu sou”, na medida em que não seja inteiramente simbolizado pelo “eu penso”. É nesta consistência que se insere o gozo feminino, fora da linguagem, que suporta o corpo como tal, como vivo: S(/A), “ali onde aponto que Deus ainda não fez sua retirada” (Lacan sem. 20). Cabe aqui dizer que Pommier acrescenta ao gozo místico e ao feminino, a sublimação como terceiro testemunho de gozo suplementar.

Lembremos: Lacan afirma, o ser não pré-existe ao significante, é produzido por ele. Ou seja: a linguagem modela e determina o ser. A linguagem, mais precisamente o significante fálico, funda o gozo fálico a partir da falta-a-ser e se situa extra-corpo, ligado a este somente pelo fio delgado do órgão sexual ou da imagem falicizada

da forma corporal. Mas este corte, esta abertura a este gozo não mais ligado ao ser, abre também a possibilidade de um gozo correlato ligado ao ser, gozo suplementar que “se mantém faltoso com relação ao significante e ao modo de existência do sujeito da cadeia significante” (Serge André).

Designar o gozo feminino como suplementar implica que só se pode evocá-lo e situá-lo a partir da castração; a partir do gozo sexual limitado pelo órgão. Não se trata, portanto, de restabelecer por este viés uma essência feminina. Se assim fosse, Lacan não se cansaria de repetir que A mulher não existe. Nenhuma ‘super mulher’ funda a existência de um sexo não fálico. Fazer desse Outro gozo o traço feminino por excelência recairia no estabelecimento de dois conjuntos fechados: de um lado, para os homens, o gozo fálico, do outro, para as mulheres, o gozo do corpo. O gozo feminino é um ‘a mais’ que vem, por assim dizer, de quebra. Este produto da castração permanece inconsistente, a não ser que lhe demos uma consistência imaginária. O fato de se situar fora da linguagem o torna impossível de se dizer e expõe-nos, até certo ponto a permanecer no nível da crença (de onde “Deus ainda não fez sua retirada”). Onde, para encerrar, vale repetir: “não é porque ela é não toda na função fálica, que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda!”

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- André, Serge. O Que Quer Uma Mulher?  
 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 2 – O Eu na teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise  
 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 3 – As Psicoses  
 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 7 – A Ética da Psicanálise  
 Lacan, Jacques. O Seminário, livro 20 – Mais, Ainda  
 Pommier, Gérard. A Ordem Sexual  
 Soler, Colette. O que Lacan Dizia das Mulheres

Rodrigué, Emilio. Sigmund Freud. O Século da  
Psicanálise